

BOLETIM CEEGED UNILA

♥ “Expresso” Boletim CEEGED: especial orgulho e diversidade ♥



EDITORIAL

Por Renata Peixoto de Oliveira -
Docente e "CEEGEDETE" UNILA

A aproximação da data de 28 de junho suscitou uma série de reflexões ao CEEGED e à própria Universidade. Como abordar o tema, como pensar as agendas, as lutas, os lutos e a celebração? A ideia deste boletim expresso, rápido, especial no sentido de dar visibilidade exclusivamente ao orgulho e à diversidade, nasce da necessidade de a instituição reconhecer o seu papel junto à comunidade interna e externa, quanto a estas lutas e resistências. A diversidade é um dos pilares de atuação deste comitê e, para destacar a importância destas questões, propomos a organização de um documento especial. Um documento que comporte outras falas que não apenas as nossas, uma publicação que seja caminho e que seja espaço.

Nesta edição, contamos com um texto de apresentação de nossa colega do CEEGED Maria Aparecida Webber, carinhosamente conhecida como nossa Cida Maria. Além disso, poderemos apreciar um belo texto do professor Henrique Leroy, que foi nosso colega e segue como querido amigo desde os tempos em que foi docente na UNILA. Nosso boletim também apresenta um relato pessoal, escrito por nosso Gabo, Gabriel Matos. Temos ainda o luxo de uma entrevista exclusiva em que a nossa costureira parceira do CEEGED Stephany Mencato, minha ex-orientanda, com muito orgulho, entrevista meu querido e competente amigo dos tempos da UFMG Breno Cypriano, que para mim segue sendo, em termos *durkheimianos*, um fato social total, expõe sobre a data e me faz lembrar o quanto aprendi com ele sobre estudos de gênero e feminismos. Diego, que realiza um belo trabalho como ativista LGBT na cidade, traz uma importante reflexão sobre o que representou e segue representando a data de 28 de junho. Carla Gastaldin, psicóloga e membra do CEEGED, compartilha sua arte digital, com o cartaz de divulgação que preparou especialmente para a atividade online que o comitê organizou para esta data tão especial.

APRESENTAÇÃO

Estar neste mundo não é tarefa fácil. Tentar ser feliz e fazer com que nossa existência faça sentido é mais difícil ainda. Agora imagine para todxs aqueles que ainda, antes de tudo, precisam lutar e (re)existir para poderem ser quem são. Negrxs, indígenas, LGBTQs, muitas são as categorias que se interseccionam e que desenham uma pluralidade que a humanidade ainda precisa aprender a respeitar.

Só por meio de políticas públicas adequadas, de ações institucionais voltadas a esses grupos e do comprometimento de todxs, é que poderemos vislumbrar um mundo mais justo, mais humano e com mais amor.

O Comitê Executivo pela Equidade de Gênero e Diversidade da UNILA (CEEGED), por meio deste Boletim especial Orgulho e Diversidade, compartilha com vocês uma pequena mostra da dor e beleza de se ser quem é, por meio de textos especialmente preparados em razão do Dia do Orgulho LGBTQI+.

Apesar de todas as dificuldades, estamos firmes na peleja por uma Universidade mais acolhedora, por uma cidade mais receptiva e uma existência mais significativa e feliz para todxs vocês. Contamos com cada voto de confiança e completude de forças. Contem também com a gente!

Um abraço,
Cida Maria - Ciclo Comum e "CEEGETE" UNILA

ARTE DIVERSIDADE

Por Carla Gastaldin – “CEEGETE” UNILA

Criei esta arte para divulgar uma atividade do CEEGED, o CaféMate da Diversidade, um evento virtual que celebrou o amor em sua pluralidade e que convidou a todes a compartilhar arte, vivências e experiências. O evento virtual foi realizado na sexta-feira, dia 26 de junho de 2020, e fui uma das responsáveis pela organização, juntamente com Cida Maria.



ESPECIAL ORGULHO E DIVERSIDADE

28 de junho - De StonewallInn aos tempos atuais: o marco histórico para o movimento LGBTTIAP+

Diego Carvalho

O mês de junho marca um grande momento histórico para a comunidade LGBTTIAP+, quando relembramos a grande revolução de StonewallInn e a ousadia de Sylvia Rivera e Marsha P. Johson, que se uniram e deram início às lutas e ao movimento LGBTTI+.

Fazendo um breve resgate dessa história, a rebelião de StonewallInn foi uma série de manifestações espontâneas de membros da comunidade LGBT, contra uma invasão da polícia de Nova York, que aconteceu nas primeiras horas da manhã de 28 de junho de 1969, no bar StonewallInn, localizado no bairro de Greenwich Village, em Manhattan, em Nova York. No primeiro ano da revolta de Stonewall, houve manifestações LGBT em Nova York, Los Angeles, San Francisco e Chicago, para lembrar a data. Em Nova York, os manifestantes caminharam 51 quarteirões, do East Village até o Central Park.

Mas o que isso tem a ver com nossa geração neste novo século? Tudo a ver. Se não houvesse Marsha e Sylvia, não haveria um movimento pra chamar de nosso. A revolução nos lembra de que nós, como comunidade, podemos mudar e lutar por nossos direitos; demonstra que nenhum de nós precisa se acomodar e deixar impune um país, estado ou município que não prioriza a diversidade; e, mais ainda, nos mostra que quanto mais nos unirmos, mais fortes ficaremos na luta pela diversidade e liberdade. É fato que tal imprudência policial que levou a essa revolução não deixou de existir e, mesmo com esse grande marco, ainda somos miras do silenciamento, do preconceito discriminatório e do despreparo, muitas vezes, de nosso país ou das instituições, quando se pensa em construir políticas públicas de asseguramento da nossa comunidade.

É preciso rebelar-se, de 1969 até os tempos atuais. Se analisarmos, podemos comprovar que mesmo tendo orgulho de sermos quem somos, mesmo agindo em comunidade, ainda temos muitas barreiras a vencer. Isso por que, em um país despreparado, precisamos cada vez mais achar mecanismos e estratégias para proteger a nós mesmos, unirmo-nos a quem hoje, mesmo não sendo LGBTTIAP+, alia-se a nós para que (re)existamos. De lá pra cá, claramente muitas coisas mudaram, mas é necessário entender que tal revolução não se trata somente de um momento histórico ou do empenho e força de duas grandes mulheres, mas se trata de nos espelharmos nisso para continuar lutando e protegendo os nossos.

E essa revolução aconteceu, e volta a acontecer, todas as vezes que um de nós some sem registro, é exterminado, é silenciado e morto. E nós, em união, existimos em denunciar. É necessário falar e deixar claro que os inimigos ainda estão aí todos os dias, escondidos entre os tais cidadãos de bem. É necessário revolucionar o diálogo. As estratégias devem estar alinhadas para realmente conquistarmos a união em nossa comunidade, pois mais um dia 28 chega até nós e, olhando, podemos compreender que, mesmo tendo garantido esse dia como marco histórico, ainda são poucos os espaços onde nós, LGBTQIAP+, temos a liberdade de estar, de ocupar e também de transformar.

O preconceito e a discriminação, somados ao despreparo, ainda nos põem na mira, não só da polícia como em Stonewall, mas de nós mesmos, muitas vezes, ou de nossos próximos. A LGBTfobia não só mata, como apaga a luta. A falta de políticas públicas nos distancia de entender a união e, enquanto não conseguimos a revolução colorida, lutaremos e informaremos mais e mais a realidade e a verdade. Em tempos em que até as *fakenews* têm mais força do que a fala e o lugar do povo, precisamos nos unir às lutas, nos rebelar por um país mais democrático, soberano, justo e diverso.

De Stonewall até aqui, continuamos a lembrar a história e aglutinar-nos à nossa ousadia, para que lutemos juntas pelo direito de todes, porque, parafraseando Maria Bethânia: não mexe comigo que não ando só, não andamos só, não andamos só, não mexe, não.

Diego Carvalho é diretor Estadual de Mobilizações da UALGBT do Paraná, diretor Oeste da Aliança Nacional LGBTI, Coordenador Municipal do Coletivo UNALGBT Foz, membro do Espaço Iguaçuense da Diversidade e membro da Rede Encontros pela Diversidade.

TEXTO ESPECIAL

OS MITOS DA “DEMOCRACIA RACIAL” E DO “CONVÍVIO PACÍFICO” DAS DIFERENTES DIFERENÇAS NO BRASIL: UMA BREVE REFLEXÃO

Henrique Rodrigues Leroy

“Toda história é remorso”

Carlos Drummond de Andrade

Em 1977, no Festival Mundial de Artes e Culturas Negras, realizado em Lagos, na Nigéria, o poeta, escritor, professor, dramaturgo e ativista brasileiro Abdias do Nascimento, fundador e idealizador do Teatro Experimental do Negro, teve seu artigo “*Racial Democracy in Brazil: mythor reality*” rejeitado pelo festival e boicotado pela delegação oficial brasileira presente no evento. Aqui, nos perguntamos: por que ocorreu o boicote a esse artigo? Quais seriam as razões para essa rejeição? Não é difícil imaginar que o argumento principal do artigo de Abdias do Nascimento tocava profundamente em uma ferida colonial que segue sangrando e ainda está aberta, qual seja, a ferida da abjeta escravização ocorrida no Brasil por mais de três séculos. E como forma de não enfrentarmos e encararmos a cura para essa ferida aberta, criou-se a falácia do mito da democracia racial no Brasil. Tal ferida é invisibilizada e “estancada” por um discurso dito “oficial” de que no Brasil sempre existiu um convívio pacífico entre as diferentes diferenças. Entretanto, a história nos mostra que não foi tão pacífica assim. E é exatamente a desconstrução desse mito da democracia racial e do convívio romantizado das heterogeneidades brasileiras que quero destacar neste texto que escrevo a convite do Comitê Executivo pela Equidade de Gênero e Diversidade (CEEGED) da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Nós, pertencentes à comunidade LGBTQIUA+, devemos nos sensibilizar e nos conscientizar para as questões das interseccionalidades que nos atravessam, inclusive para aquelas referentes aos nossos privilégios, sempre destacando a racialização das nossas práxis. Somente assim poderemos desnaturalizar os mitos, os preconceitos, os racismos e os ataques que os grupos minoritarizados sofrem todos os dias. Digo minoritarizados porque somos política e economicamente minoritarizados por uma ideologia opressora moderno-colonial. Não somos minoria demográfica. Se considerarmos a demografia, somos maioria. Assim, este texto sugere tentativas de estancar esses sangramentos coloniais e de desconstruir os mitos criados pelos ditos discursos “oficiais”, tendo como inspiração o insurgente, inspirador e decolonial discurso do grande brasileiro Abdias do Nascimento.

O discurso de Abdias do Nascimento é emblemático em diversos aspectos. Primeiro, é um discurso que reflete não somente a geopolítica do conhecimento, por se tratar de um latino-americano, que habita o outro lado da linha abissal, caracterizado pela diferença colonial que é esquecida e vilipendiada por um discurso eurocêntrico hierarquizado que define o que existe e o que não existe, mas também reverbera uma corpo-política do conhecimento que faz toda a diferença. É um corpo negro latino-americano que fala, um corpo estigmatizado, estereotipado e invisibilizado há séculos por uma lógica moderna/colonial/patriarcal/sexista/racista/capitalista/ocidental-cêntrico/cristão-cêntrico.

Nós, da comunidade LGBTQIA+, também devemos corporificar nossos discursos de resistências e de (re)existências, principalmente pelo fato de sermos alvo de uma política autoritária que nos mata todos os dias. Apesar de sediarmos a maior Parada do Orgulho LGBTQIA+ do mundo, somos o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. Portanto, quando falarmos, devemos nos conscientizar de que também produzimos sentidos por meio dos nossos corpos e, por conseguinte, por meio da geo-corpo-política do conhecimento. Nossos corpos, nossas vozes e nossas orientações sexuais são, antes de qualquer coisa, escolhas políticas e, por isso, devem ser considerados como caminhos de lutas e de (re)existências.

Segundo, este discurso de Nascimento também preza pelo universalismo concreto, que visa, aqui sim, a uma futura e possível democracia plurirracial (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES & GROFOGUEL, 2019). O universalismo concreto, de acordo com esses autores, não esconde seus lugares de enunciação ou seus lugares de fala. Ao contrário, esses lugares de fala são e devem ser visibilizados por meio das geo-corpo-políticas do conhecimento em oposição ao universalismo abstrato que descorporifica os discursos, priorizando ideias abstratas. Esse discurso vem ao encontro da transmodernidade proposta por Dussel (2016), isto é, da ideia de irmos para além dos binarismos e dos dualismos da modernidade. A transmodernidade privilegia as diversidades epistêmicas em detrimento do relativismo epistêmico. Inclusive, a transmodernidade é intrínseca ao pluriversalismo, isto é, quando podemos apresentar soluções diversas advindas de diferentes lugares em que muitos decidirão e definirão por muitos e não somente um irá definir/decidirá por muitos, o que caracterizaria a universalidade e não a pluriversalidade. Assim, nossos discursos minoritarizados geo-corporificados advêm de diversos lugares de fala, interseccionados por raças, gêneros, sexualidades, etarismos etc. e devem ser ouvidos e visibilizados a fim da proposição de diversas soluções para diferentes contextos, corroborando o universalismo concreto e o seu pluriversalismo.

Terceiro, o discurso insurgente de Abdias do Nascimento também nos ensina sobre quilombismo (NASCIMENTO, 2002). O quilombismo contará as histórias a partir dos pontos de vista e das narrativas das negritudes, e não a partir dos discursos eurocênicos. Esses discursos advindos do quilombismo almejavam a uma verdadeira e não mitológica democracia plurirracial com suas respectivas igualdades econômicas, sociais e culturais. Em 1988, em comemoração

aos 100 anos da “libertação” dos escravizados no Brasil, foi realizada a Marcha Zumbi dos Palmares, que também marcava a criação do Dia da Consciência Negra, realizada na cidade do Rio de Janeiro. Nesse importante, resistente e necessário evento, a professora, antropóloga, feminista e ativista brasileira Lélia Gonzalez abriu fendas e gretas nas colonialidades do ser e do saber. Ela disse que os discursos eurocêntricos “oficiais” silenciavam para as crianças, principalmente nas escolas públicas, que o Quilombo dos Palmares foi o primeiro Estado Livre das Américas! Essa afirmação de Gonzalez ainda pode ser destacada e ressignificada em razão dos atuais ataques que o líder Zumbi e seu legado vêm sofrendo por meio de discursos vis e acéfalos. Por isso, chamo para essa desconstrução decolonial a escritora Conceição Evaristo, que disse que precisamos e é tempo de nos aquilombar! Portanto, eu diria que é tempo de nos aquilombarmos também nas nossas lutas por mais direitos, por mais respeito e por mais reconhecimento e valorização dos discursos geo-corpo-politizados das comunidades LGBTQIA+! Precisamos contar nossas histórias a partir dos nossos lugares de fala corporificados, visando às nossas visibilizações em meio às opressões causadas pela lógica moderno/colonial/patriarcal/sexista/machista/ocidental-cêntrica/cristão-cêntrica/capitalista. O aquilombar é o nosso “dar um close”, no sentido de “arrasarmos, lacrarmos” em um sentido politizado e conscientizado, principalmente em tempos em que a “lacrção” é destorcida e vista como ameaças pela “sociedade” conservadora e homofóbica. A ideia aqui não se resume à formação de bolhas e guetos divisionistas, fragmentados e segmentados, mas sim à valorização de um pluriversalismo, em que podemos nos respeitar e nos conscientizar da existência de diferentes particulares em um mesmo pluriverso, onde a criação de espaços de escuta é visibilizada e as diferentes vozes são ouvidas por tod@s.

Para finalizar, por ora, nós, da comunidade LGBTQIA+, devemos realmente considerar os ensinamentos advindos do discurso insurgente e (re)existente do mestre Abdias do Nascimento, no sentido de desconstruirmos os mitos das democracias raciais e da convivência pacífica das diversidades no Brasil e de nos sensibilizarmos para as geo-corpo-políticas que refletirão um pluriversalismo e que almejarão a um aquilombamento. Tudo isso contextualizado por um universalismo concreto e transmoderno. Após sofrer variadas censuras por parte da delegação “oficial” brasileira no Festival Mundial de Artes e Culturas Negras, afirmando que ele não era digno de representar legitimamente o Brasil, Abdias disse em seu livro “O genocídio negro no Brasil”: “Em certo momento na assembleia geral do Colóquio, quando os delegados oficiais do Brasil tentavam me silenciar, levantei minha voz e me identifiquei não como um representante do Brasil, mas como um sobrevivente da República de Palmares” (NASCIMENTO, 1978, p. 40).

Como um realista esperançoso e para citar o verbo “esperançar”, cunhado por Paulo Freire, que, diferentemente de “esperar”, é utilizado no sentido de tentarmos concretizar as esperanças, realmente acredito que chegará um dia em que poderemos falar em uma verdadeira democracia plurirracial e pluridiversa, em que não mais precisaremos marcar as diferenças

de raças, credos, sexualidades, gêneros etc. Porém, esse dia somente virá por meio de muita luta e de muita racialização/generificação/politização das nossas práxis. Sigamos todes, todas e todos firmes e fortes nas lutas por nossa constante libertação e emersão de um país e de um mundo que estão, literalmente, cada vez mais doentes e sombrios e que, infelizmente, ainda não são plenamente democráticos... A plena democracia só virá quando conseguirmos destruir todas as formas de racismo, de preconceito e de desrespeito para com as diferentes diferenças. A verdadeira democracia é intrínseca à solidariedade dos existires!

“Nós, os brasileiros, somos como Robinsons: estamos sempre à espera do navio que nos venha buscar da ilha a que um naufrágio nos atirou.”

Lima Barreto, “Transatlantismo”, Careta

Henrique Rodrigues Leroy é doutor em Linguística Aplicada e professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), gay e eterno unileiro.

Referências

BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N; GROSFUGUEL, R. “Introdução: decolonialidade e pensamento afrodiáspórico”. In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N; GROSFUGUEL, R. (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 9-26, 2019.

DUSSEL, E. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n.1, p. 49-71, 2016.

NASCIMENTO, A. **O quilombismo**. Brasília/Rio de Janeiro: Fundação Cultural Palmares/OR Editor, 2002.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

SCHWARCZ, L. M. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ENTREVISTA EXCLUSIVA: STEPHANY MENCATO ENTREVISTA BRENO CYPRIANO

Stephany D. Pereira Mencato é advogada, pesquisadora em estudos de gênero, diversidade e feminismos. Também é egressa do curso de Ciência Política e Sociologia e do PPGICAL da UNILA. Atualmente, é doutoranda pelo programa de pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais. Nesta oportunidade, ela realiza uma entrevista exclusiva com Breno Cypriano, pesquisador que atualmente realiza residência pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (UFMG). Ele atuou como professor substituto do Instituto de Ciência Política (UnB). É doutor em Ciência Política (UFMG), mestre em Ciência Política (UFMG) e bacharel em Ciências Sociais (UFMG). Realizou atividades como pesquisador do Centro de Estudos Legislativos (CEL), no Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre a Mulher (NEPEM), no Centro do Interesse Feminista e de Gênero (CIFG) e no Observatório da Justiça Brasileira (OJB) do Centro de Estudos Sociais da América Latina (CES/AL), todos na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e, também, no Instituto FSB Pesquisa (Brasília). Inspirou esta conversa a data de 28 de junho, que é o Dia do Orgulho LGBTI (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e pessoas intersex). A data celebrada é lembrada mundialmente e marca um episódio ocorrido em Nova Iorque, em 1969.

Stephany: **Qual o significado desta data e o que as mobilizações já tradicionais buscam?**

Breno: Acredito que o significado de uma data que celebra o Orgulho LGBTIQ+ nos remete a um dos paradoxos da noção de poder, pois ao mesmo tempo em que as paradas e os eventos de celebração da data recorrem às ideias de paz, alegria e festividade, elas também trazem consigo a marca da violência estatal sobre os corpos frágeis e alvos dos mais diversos e recorrentes ataques de ódio. Utilizar ferramentas de militância política tão diferentes das armas de violência utilizadas contra essas minorias faz com que o repertório de ação política da população LGBTIQ+ se torne uma forma exemplar para a militância política contemporânea. Ainda que a principal forma da heteronormatividade seja a violência simbólica, psicológica ou física, o movimento LGBTIQ+ lança mão de uma estratégia oposta, para contrapor no imaginário político uma forma de futuridade e de fazer política desejadora de uma inclusão não violenta das minorias políticas, de uma forma geral, em todas as esferas sociais. Relembrar a “Rebelião de Stonewall Hall”, em 28 de junho de 1969, é também um recurso de conscientização política para a própria população LGBTIQ+: nos faz recordar que muitas e muitos sofreram humilhações, diversas formas de violência e foram mortas/mortos antes que os direitos fossem conquistados. É uma forma de reverenciar a todas e todos que lutaram por nossas vidas e sacrificaram as suas próprias, trazendo consigo um dos ideais mais importantes para uma “nova

política”: os sentimentos republicano-comunitários. E, por isso, é sempre importante salientar que a concepção de tradição pode referir a laços identitários coletivos, de pertencimento, como Max Weber diria “Gemeinschaft”; ou ser utilizada como “cilada” à diferença, muito bem pontuada na década de 80 por Flávio Pierucci, considerando a utilização conservadora, elitista, branca, hegemônica que, através das conquistas do hipercapitalismo da “Gesselchaft” (ou Sociedade), reverencia a atomização, o individualismo que recorrentemente classifica “o outro” como inferior e subalterno. Então, sempre é importante saber na política qual é o tipo de tradição que estamos lançando mão. Aqui, acredito que seja um ponto importante para a nossa discussão: o ativismo LGBTQ+ não é homogêneo e, muitas vezes, recorre aos instrumentos da heteronormatividade, estrategicamente para ser incluído e reconhecido. É outra forma, outro repertório, mas acredito que ela recorrentemente repõe o *modus operandi* de poder e não é efetivamente transformadora e emancipatória.

Stephany: **Nos últimos anos, tem-se observado um avanço de movimentos políticos com fortes traços neoconservadores. Como isso vem afetando as conquistas dos movimentos pró-diversidade?**

Breno: Os movimentos neoconservadores têm crescido por terem, cada vez mais, acesso a espaços formais e a instituições políticas. Buscam se legitimar e utilizam-se das linguagens “democrática” e do “politicamente correto” para tal garantia. Me lembro de uma entrevista à Revista Fórum, em 2014, próximo às eleições presidenciais, em que o debate sobre a direita que “parecia sair do armário” e não ter mais vergonha de se expor, na verdade, já sinalizava que a esquerda não tinha ainda cumprido o ideal de transformação da política e de mudanças reais no Estado, que permanece racista, coronelista, patriarcal, heteronormativo. Acredito que esse posicionamento também incorporou um outro ator político ávido pela inserção no poder, que são os religiosos, principalmente os evangélicos. Acredito que, desde o Período Colonial, quando a Igreja Católica ainda tinha um controle político, o Brasil nunca viu tamanha influência religiosa na política, desde o favorecimento dos interesses econômicos da ética protestante, até mesmo ao papel “moralizador” (mas anticristão) em agendas dos direitos sexuais e reprodutivos, como em educação inclusiva e direitos humanos. Não é só no Brasil esse retrocesso, mas no mundo todo, como assistimos às revoltas contra o fascismo, racismo, militarismo. Percebo que muitos movimentos pró-diversidade estão recuados, outros se organizando silenciosamente, e poucos indo para as ruas.

Stephany: **Em tempos de pandemia causada pela Covid-19, como estão as mobilizações, resistências e os enfrentamentos que reivindicam o orgulho LGBTI e a diversidade?**

Breno: Nesta conjuntura da pandemia, creio que a articulação dos movimentos é ainda muito incipiente. Há um medo geral que paira em todas e todos, não só pelo vírus, mas há um terror nos países onde os representantes da direita estão no poder, abusando e utilizando as conhecidas estratégias do “estado policial” que punem, castigam e matam. Legitimam-se e perpetuam-se no poder. Assistimos estarecidos à morte de George Floyd, em 25 de maio de 2020, remetendo à “Rebelião de Stonewall Hall”, o que, em ambos os casos, nos causa pânico e indignação diante da violência estatal policial sobre os corpos negros, das mulheres, da população LGBTIQ+, dos indígenas, dos ciganos. O desejo pós-pandêmico de todas as mobilizações, resistências e enfrentamentos é a superação de instituições tão arcaicas e opressoras. Temos visto também que o ambiente doméstico é ainda um grande problema à população LGBTIQ+ e às mulheres, pela insegurança e violência desses ambientes. Outro ponto é o aumento do desemprego entre eles. Por isso, creio que a mobilização de vários atores, de forma organizada, para criar redes de apoio e proteção, é um aspecto positivo dos movimentos.

Stephany: **Já é possível apontar algumas das consequências resultantes da pandemia do novo coronavírus sobre a população LGBTI e os movimentos pró-diversidade? Qual seria o futuro que começa a se delinear?**

Breno: Judith Butler, em recente artigo à “Versobooks”, discorre que o momento pandêmico ressalta as consequências desumanas do capitalismo, principalmente pelas figuras que estão no poder e buscam capitalizar a doença e o sofrimento dos outros. Ela nos chama atenção para um abismo entre as criaturas humanas que expressam o seu direito de viver às custas das vidas dos outros. Em trabalho anterior, Butler diria que essas vidas invisibilizadas, esquecidas, são as vidas que não são choradas. Isso nos remete às falas recentes do até então presidente do Brasil, que desconsiderou a dor de milhares de famílias brasileiras, minimizando a pandemia, chamando-a de “gripezinha” e se isentando de uma postura efetiva de chefe de Estado, que deveria oferecer políticas efetivas de contenção do vírus. A necropolítica desses chefes e de apoiadores fanáticos, que se contrapõem a todas as recomendações sanitárias, e o medo das diversas violências sobre os nossos corpos resultam em um despertar político da inércia vivida para a necessidade da ação política. Com certeza, veremos essa participação ativada de formas diversas: reais, virtuais, com ou sem violência. Mas será um despertar necessário para a nossa emancipação.

RELATO PESSOAL

“Eu amo ser bixa”

Gabriel A. S. Matos

Bixa, viado, mulherzinha, baitola, boiola, marica, viadinho, gay, boneca, joaninha, fresco, afeminado, fanta, bategué.

Essas palavras que hoje me soam inofensivas e fazem com que eu as reafirme como forma de empoderamento nem sempre chegaram ao meu ouvido assim. São algumas de muitas que, no decorrer da minha trajetória, foram usadas de modo pejorativo para se referir a minha sexualidade como algo errado, profano e descabido dos reinos do céu.

Na minha infância, eu era a famosa “criança viada”. Caso você não seja do meio LGBTQI+, ou caso seja como eu, que ama questionar os termos, deve estar se perguntando: “O que é ser uma criança viada?”. A resposta com o tempo se tornou óbvia e sinônimo de alegria. A criança viada é uma criança!

Eu era um menino e, para mim, não importava o que era de “menino” ou de “menina”. Queria transpassar essas fronteiras e renunciar ao futebol que me foi concedido como “certo” ao nascer, e só pular corda com a minha irmã e amigas (inclusive, era imbatível no pula corda). Não queria ou o azul ou o rosa, queria todas as cores nas pontas dos meus lápis e poder colorir o mundo. Amava ser chefe de cozinha com os pratinhos rosa de plástico da cozinha de brinquedo e fazer deliciosos quitutes com terra, água e *Matos*.

Hoje, penso que todes deveriam ser como “crianças viadas”, transgredindo a ideia de feminilidade somente para mulheres brancas, tão ultrapassada do século XIX; rompendo com a ideia do homem macho, ultraviolento e que não pode demonstrar “fraquezas” (e, nesse caso, fraqueza é tudo aquilo que é associado ao feminino); e que, por mais que a intersecção dos sistemas de opressão fizessem leituras de nossas corpos antes mesmo de nascer, rompê-las e quebrá-las era mágico e era tudo uma brincadeira. Essa é a minha utopia, e como diria Eduardo Galeano: “Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar”.

Depois de toda essa descrição fantástica, ser uma “criança viada” deve ser *babadeiro*, ela é tão revolucionária! Mas nos sistemas em que fomos criados e que vivemos, sabemos que tudo tem seu preço para aqueles que divergem.

Sou filho de pai evangélico ferrenho e mãe católica não praticante, ambos nordestinos e professores, conheciam em suas corpos a importância da educação e da cultura como formas de

poder, mas seus valores morais e conservadores ensinados pela religião também se faziam valer. Meu pai, um homem negro que teve que aprender desde cedo a linguagem dos brancos, porque *“preto não pode andar bagunçado”*. Para ele, sempre foi ofensiva minha feminilidade, seja ela expressa em brincadeiras com minha irmã mais velha, nas cores dos meus lápis ou ao pegar a vassoura/pano de prato para ajudar com as tarefas domésticas. Qualquer mínimo erro meu era motivo para ele se virar para quem se encontrava próximo (geralmente minha mãe) e gritar: “Esse menino é um gay! Uma bixa!”. Já minha mãe, mulher branca, mas que *“de pele tão branquinha, sois nêga”*, sempre tentava me defender dessa “ofensa perversa”. Para ela, eu era o filho bonzinho que ajudava com as tarefas da casa, mas sei que no fundo ela se preocupava.

Toda vez que surge aquela famosa pergunta, “como você se descobriu LGBTI+?”, minha resposta é a mesma. Eu sempre soube, não precisei me descobrir, na verdade precisei me redescobrir. E, ao me lembrar desse redescobrimento, me vêm algumas lembranças, como a minha primeira paixonite do clube. O nome dele era Matheus e éramos superamigos, ele até me salvou de um afogamento uma vez, mas com o tempo nos desencontramos. Outra lembrança que me surge é a de quando meus pais saíam. Eu pegava a peruca rosa que minha irmã mais nova havia ganhado com uma sandália da *LazyTown*, os mini saltos da minha irmã mais velha e inventava diversas personalidades. Mas existe uma memória que sempre me marca e mostra como fui afetado de todas as maneiras possíveis e como tive que pagar o preço por ser bixa.

Não lembro exatamente a data, mas era um dia ensolarado, eu tinha entre 8 e 9 anos, estava com minha família na praia de Ubatuba. Havíamos alugado um conjunto de guarda-sol e cadeiras para ficar bem tranquilas. Ao nosso lado, havia um grupo de rapazes bonitos, todos bem vaidosos, conversando. Porém, algo me chamava a atenção neles e não era só a beleza. Meu pai nos chamou de canto e falou: *“Olha lá, um bando de bixas!”*. Fiquei com aquela frase na minha cabeça, tentando descobrir o que era que me chamava tanta atenção neles. Ao ir tomar banho, percebi que me identificava com aqueles rapazes, eu também era bixa! Mas foi mais que isso, me sentia sujo e que tinha pegado alguma espécie de “doença”. Eu não queria ser bixa, meu pai me odiaria, todos iriam me odiar, ser bixa era algo ruim.

Essa lembrança me marcou tanto, por bastante tempo neguei ser quem sou. Me fizeram pensar que isso era ruim, que era errado, que era uma doença, me marcou ainda mais por eu ser apenas uma criança. Boa parte dos problemas que tive de aceitação comigo mesmo atribuo a essa lembrança. Minha autoaceitação foi um processo difícil e doloroso, porém tive diversos apoios no caminho e isso foi muito importante.

O melhor ano da minha vida sempre digo que foi 2015, foi quando conheci meus melhores amigos da vida e elxs que me ajudaram a engatinhar para minha aceitação pessoal (mesmo que elxs não saibam disso). Foi o ano em que também dei meu primeiro beijo bixa. Pensei que, assim que nossos lábios se encontrassem, o portal do inferno em chamas ardentes iria se

abrir e um ser demoníaco iria me levar. Mas não, a única coisa que senti foi um prazer intenso dentro de mim e me senti a pessoa mais feliz naquele momento. Não fazia sentido na minha cabeça as pessoas desejarem inibir esse sentimento de felicidade tão grande.

Depois dessa etapa, foi e é necessário enfrentar diversas barreiras, e até muralhas, para continuar tendo orgulho de quem sou: racismo, preconceito, LGBTI+fobia, machismo, medo da violência etc. Inspirações e ver os meus falando tornaram-se um ato de empoderamento e poder. Liniker, Linn da Quebrada, KayaConky, Lia Clark, As Bahias e a cozinha mineira, Alex Pedro, Edson, Melissa, Cida Maria, Bianca DellaFancy e outros, me mostraram que minha corpa vivida de outras formas e pertencente de diversas minorias não é errado, ao contrário, é (re)existência. E como diria Linn da Quebrada: “*Ser bixa não é só dar o c*, é também poder resistir*”.

“*Eu amo ser bixa!*”, foi uma frase que mandei em áudio para um amigo nesses últimos dias. Dizia que amo ser bixa e poder desfrutar da minha feminilidade com shorts curtos e *cropped*s; que amo passar horas na cozinha preparando comidas elaboradas ao som de Liniker ou Lady Gaga; amo frequentar espaços LGBTI+; e atribuir meu Pink Money aos meus se tornou um ato de resistência; amo poder cuidar do meu corpo e ser vaidoso sem ninguém me olhando torto; amo poder dançar sozinho ou com minhas gatas sem ser ridicularizado, amo tudo que me foi negado.

Infelizmente, sei que existem LGBTI+ que são privados desse direito à liberdade, que não conseguem amar quem são e muito menos ser quem são. Sei que muitos não têm o privilégio de estar em uma universidade federal e poder conhecer suas próprias histórias e estudos.

Vejo que tenho um papel fundamental como bixa preta e pobre dentro e fora da universidade. Tenho o papel de transcrever esses estudos para uma linguagem acessível, tenho a função de apoiar os meus e lutar para que todos possamos ter nossos direitos garantidos. Não quero igualdade, não quero ter me igualar ao padrão heteronormativo branco para ter meus direitos garantidos, quero equidade e ter acesso sendo quem sou e como sou. E aqui não me faço vítima, chega de me verem como vítima do sistema. Me faço luta, principalmente quando me “atrevo” pintar minhas unhas e sair falando uma linguagem diferente pelas ruas (o Pajubá). Somos lutas e seguiremos sendo (re)existência!

BIXAS DE TODO O MUNDO, AQUENDAR-NOS!

Gabriel Matos é estudante da UNILA e ativista LGBT e de causas socioambientais.

